

A Conspiração Contra Kennedy

O investigador Steven Dorril analisa a nova informação sobre o assassinato de JFK e pergunta: estaremos mais próximos da verdade?

Pelo menos 89% dos cidadãos dos EUA acabaram aceitando que o assassinato do presidente John F. Kennedy, ocorrido em 22 de novembro de 1963 em Dallas, foi o resultado de uma conspiração. Em plena Guerra Fria, os meios de comunicação aceitaram a palavra do novo presidente, Lyndon B. Johnson e do chefe do FBI, J. Edgar Hoover: o presidente Kennedy havia sido assassinado por um único criminoso, Lee Harvey Oswald.



Também foi aceito que Oswald, um ex-fuzileiro naval dos EUA socialmente inadaptado e ressentido com o mundo, por sua vez, foi assassinado na manhã do dia 24 de novembro por Jack Ruby, proprietário de um clube de segunda categoria. Em meados dos anos setenta, as pessoas começaram a perceber as disparidades entre as conclusões da Comissão Warren- o órgão oficial criado para investigar o caso- e os 26 volumes de evidências publicados em 1964. Contudo, foi a investigação iniciada em 1967 por Jim Garrison, um promotor de Nova Orleans- onde Oswald passou uma temporada durante o verão de 1963-, que ajudou a divulgar diversas teorias sobre uma conspiração. Por que então, nove de cada dez pessoas estão convencidas de que a verdade sobre a morte de Kennedy foi ocultada?

Provas de uma conspiração

Em 1966, foi descoberto um relatório do FBI no qual dois agentes presentes na autópsia de Kennedy declarava que havia sido realizada no presidente, uma traqueotomia e uma cirurgia na parte superior do crânio. O agente James Sibert confirmou posteriormente que "essas foram as palavras do legista".

David Lifton, o investigador que percebeu a importância do relatório de Sibert, garantiu em seu livro *Best Evidence* que "durante as seis horas que transcorreram entre o assassinato em Dallas e a autópsia no Hospital Naval Bethesda em Washington, o corpo do presidente Kennedy foi interceptado e manipulado". Lifton apresentou não comprovadas, porém convincentes evidências que haviam sido utilizadas duas ambulâncias e duas urnas funerárias para transportar o corpo do presidente para Bethesda.

Segundo Lifton, a urna vista na televisão, acompanhada por Jackie Kennedy, provavelmente estaria vazia e teria sido utilizada como chamariz por segurança. Funcionários da equipe médica do Bethesda confirmaram que o cadáver de Kennedy chegou ao Hospital em uma simples urna metálica, fato que dá credibilidade à esta história. Lifton assegurava que as feridas de bala na cabeça tinham sido alteradas cirurgicamente para esconder o orifício de entrada de um projétil disparado frontalmente, o que sugere que houve um segundo atirador e, conseqüentemente uma conspiração. Segundo Lifton, esta foi uma decisão tomada pelo mais alto escalão do Governo.

Evidência médica

As idéias de Lifton poderiam ter sido esquecidas, se não fosse pelos depoimentos de diversos especialistas. O diretor Robert McClelland, o cirurgião que praticou a traqueotomia na garganta de Kennedy, disse que as radiografias que lhe foram apresentadas em 1989 "não apresentavam os mesmos ferimentos na cabeça do presidente que eu vi na sala de emergências do hospital". O homem que fez algumas das radiografias em 1963, Jerrol Custor, também viu as radiografias em 1989 e declarou que eram "falsas", e Floyd Reibe, o fotógrafo da autópsia, considerou que as fotografias apresentadas recentemente eram uma fraude.

Ninguém mais coloca em dúvida a existência de uma conspiração para matar Kennedy. Porém, agora a verdadeira questão é: se não foi Oswald, quem teria matado o presidente?

Um dos primeiros investigadores a fazer seriamente esta pergunta foi o procurador Jim Garrison, cujas indagações serviram de base para o diretor de cinema Oliver Stone realizar seu filme JFK, a pergunta que não quer calar. Garrison investigou as atividades de Clay Shaw, um empresário de Nova Orleans, vinculado à CIA. Shaw fora acusado de conspirar com David Ferrie, um piloto contratado pela CIA para realizar atividades anticastro.

Resultados sem conclusões

Ferrie era uma figura grotesca, que dissimulava sua calvície com uma peruca ruiva, e sobrancelhas postiças. Por causa de seus contatos com grupos anticastristas da CIA, seu vôo através da Louisiana, pouco tempo depois do magnicídio, sempre pareceu suspeito. Quando foi encontrado morto em circunstâncias misteriosas, a possível relação da CIA começou a parecer se tratar de algo mais de uma simples idéia.

Embora Garrison tenha descoberto novas evidências relacionando Ferrie a Oswald e Clay Shaw, não pôde encontrar nenhuma prova que veiculasse Shaw ao assassinato de Kennedy. Tampouco conseguiu demonstrar suas conexões com a máfia, considerada uma peça-chave no assassinato.

Contudo, a investigação de Garrison serviu para realçar as deficiências da Comissão Warren e o Congresso ordenou uma nova investigação. No verão de 1979, o Comitê investigador declarou que embora acreditassem que Oswald tivesse disparado o gatilho, Kennedy "foi assassinado por causa, provavelmente, de uma conspiração". As provas realizadas pelo Comitê indicavam a presença de um segundo assassino em Grassy Knoll, uma área da Dealy Plaza, onde muitas testemunhas garantiram Ter visto um franco-atirador no dia do assassinato.

Apontando com o dedo.

O Comitê chegou à conclusão de que a máfia possuía "motivos, meios e oportunidades para matar Kennedy", e ainda mencionava Carlos Marcello e Santos Trafficante, dois chefes de organizações mafiosas, como os supostos conspiradores. Sugeriu também que a conspiração poderia ter contado com o apoio de anticastristas e que alguns agentes corruptos teriam participado. Cuba era o ponto de convergência dos três grupos.

Progressivamente hostil a Fidel Castro e sua política pró-soviética, a CIA tinha organizado um grupo de "Ação Executiva" capacitado para cometer assassinatos. Para conseguir seus propósitos a CIA recrutou indivíduos do crime organizado vinculados aos sindicatos dos jogos em Cuba, antes que Castro chegasse ao poder. A Divisão de Serviços Técnicos da CIA desenvolveu diversos objetos como cigarros que lançavam dardos, máquinas de barbear explosivas, um traje de submarino impregnado com produtos químicos tóxicos, pílulas venenosas e uma pena estilográfica que escondia uma agulha envenenada, para suas operações contra Castro apoiadas pela máfia.

Contudo, Kennedy decidiu cortar os fundos da CIA e ordenou que deixassem de colaborar na campanha contra Castro. Sendo assim, os extremistas cubanos anticastristas consideraram que Kennedy os tinha vendido e o tacharam de "comunista".

As conspirações contra Castro acabaram se tornando um completo fracasso, e a máfia perdeu as esperanças de recuperar seus cassinos em Havana assassinando Fidel Castro. Em 1963, estavam procurando outro sistema mais eficaz para alcançar seus fins.

O padrinho

A seguinte frase é atribuída a Santos Trafficante, que esteve envolvido nas tramas da CIA para matar Castro: "Este homem, Kennedy, tem problemas e receberá o que merece...Vão dar-lhe um tiro". Trafficante estava furioso com a guerra que os Kennedy haviam desencadeado contra o crime organizado e dois de seus amigos, Sam Giancana e Jimmy Hoffa, ambos vinculados com as conspirações da CIA. O líder Hoffa também feito ameaças. Seu advogado assegurou, em 1994, que em 1963 tinha sido enviado para Nova Orleans para pedir a Trafficante e Carlos Marcello, um chefe mafioso da cidade, que organizassem o assassinato. No verão de 1961, Marcello tinha sido deportado para Guatemala pelo Procurador Geral, Robert Kennedy. Regressou secretamente aos EUA disposto a colocar em prática uma velha expressão siciliana: "retirar a pedra que incomoda, do sapato". Marcello também disse que "ia providenciar que matassem o presidente Kennedy". Além disso, afirmou que "tinha arrumado as coisas para que um 'primo' ficasse com a culpa". O Comitê estabeleceu também que o tio de Oswald, Charles "Dutz" Murret, "tinha trabalhado em um sindicato de jogo controlado pela família de Carlos Marcello". Quando Oswald foi preso por participar de uma manifestação anticastristas, Murret conseguiu que a organização de Marcello pagasse a fiança de seu sobrinho. É possível que Marcello tivesse escolhido Oswald para servir de "bode expiatório".

John Martino, um amigo do chefe mafioso Trafficante, trabalhava como agente contratado pela CIA com os grupos cubanos anticastristas. Antes de morrer, declarou que Oswald tinha sido recrutado por estes grupos. Sem saber na verdade para quem trabalhava, tinha que ser eliminado depois do magnicídio, no Texas Theatre, o cinema onde foi detido. Porém, surgiu uma dificuldade: "Não houve jeito de aproximar-se dele-disse Martino-. Dessa forma, fizeram com que Ruby o matasse.

Quem era Jack Ruby?

Agora, vinculado a importantes figuras do crime organizado com interesses em Cuba, Ruby adquire muito mais destaque na história. Na verdade, Ruby tinha visitado Santos Trafficante inúmeras vezes em Cuba.

Antes de morrer na prisão, Ruby disse em uma entrevista que "o mundo nunca saberá o que aconteceu realmente...pois estas pessoas que tinham tanto a ganhar e um motivo tão forte para em colocar nesta situação em que me encontro, nunca permitirão que a verdade chegue ao domínio público".

Jimmy Hoffa desapareceu em 1975 e Giancana foi assassinado no mesmo ano. Ambos tinham que testemunhar diante do Comitê sobre as conspirações anticastristas. Trafficante testemunhou diante do Comitê, porém negou-se a responder as perguntas relacionadas ao assassinato de John F. Kennedy. Depois do assassinato de Giancana, o FBI gravou uma conversa de Trafficante onde este dizia: "Agora só existem duas pessoas vivas que sabem quem matou Kennedy. E não irão falar".

A outra pessoa pode ter sido o homem que organizou os grupos de "Ação Executiva" da CIA contra Castro, William Harvey. Durante as tentativas de assassinar Castro, Harvey esteve em contato com a máfia. Além disso, odiava intensamente os Kennedy por terem deixado de apoiar os comandos anticastristas.

Conspiração confirmada

Antes de morrer de câncer, David Phillips, o oficial da CIA que esteve no comando de diversas operações contra Cuba, em 1963 no México, confirmou que "JFK fora vítima de uma conspiração". Declarou também que membros corruptos dos serviços de inteligência teriam participado da conspiração.

A idéia de que na conspiração contra Kennedy estavam envolvidos agentes da CIA, anticastristas e a máfia, deu mais força para que fossem liberados, em 1990, vários arquivos sobre o assassinato.

Estes arquivos também ajudaram a descartar uma série de teorias absurdas. Depois de anos de confusão, inadequadas investigações governamentais, ocultações e obstruções deliberadas, a verdade sobre o assassinato de Kennedy, pode estar próxima.

Artigos: Revista Fator X nº 11